

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL



**INCT-PPED (Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Políticas Públicas,
Estratégias e Desenvolvimento)**
ENAP (Escola Nacional de Administração Pública)
IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada)

Rio de Janeiro | 21-23 de Março 2018 | Colégio Brasileiro de Alto Estudos/UFRJ
Brasília | 26-27 Março de 2018 | Escola Nacional de Administração Pública/ENAP



Visão Geral

Repensar o Estado exige a capacidade de responder à existência de uma trajetória global de agravamento da desigualdade, crescimento econômico sem crescimento do emprego e sustentabilidade ambiental precária. Repensar o Estado é fundamental para conceber a possibilidade de novas coalizões políticas viáveis, que possam resultar em capacidades estatais capazes de formular e implementar agendas políticas que assegurem a ampliação do bem-estar social, do desenvolvimento sustentável e do florescer humano. Esta conferência se propõe a contribuir para esta tarefa através de um diálogo público-privado.

“Repensar o Estado no capitalismo globalizado” deve começar com, pelo menos, três elementos:

- 1) Um quadro analítico que enxergue um conjunto de oportunidades e condicionantes impostos pelo capitalismo global contemporâneo aos estados-nação e aos espaços das políticas públicas.
- 2) Estabelecer uma conexão confiável entre as transformações econômicas e tecnológicas em curso e as políticas que um Estado reconstruído deve implementar para assegurar e promover os direitos econômicos, sociais e políticos.
- 3) Um projeto político que proporcione uma base plausível para permitir que o Estado busque este novo conjunto de prioridades econômicas e suas políticas correlatas.

Repensar as formulações genéricas deve ser complementando pelo engajamento em arenas políticas específicas. Para garantir que as questões gerais estejam direcionadas para arenas específicas de debate, a conferência está dividida em cinco sessões, cada uma com duas subseções, abordando os espaços específicos nos quais se pretende repensar o Estado.

O propósito das três primeiras sessões é "Mapear o Terreno". O primeiro painel abordará as implicações das profundas mudanças nas relações geopolíticas entre os principais Estados, que complementam a estrutura cambiante da economia global e moldam o espaço político disponível para os Estados Nacionais. Também se considera as implicações das mudanças globais nas esferas cultural e ideológica, que formam uma dimensão igualmente importante neste campo.

A segunda sessão se encaminha para um mapeamento de terreno mais setorialmente específico, com foco no setor dominante da economia global – o sistema financeiro global - que, conforme se estrutura atualmente, produz um impacto que espolia e restringe os espaços para as políticas internas. A sessão vai explorar as possibilidades de construção de uma estrutura financeira que possa ser mais compatível com a expansão das capacidades estatais.

A terceira sessão mapeia o novo terreno socioeconômico gerado pela transformação na forma como os bens e serviços são produzidos. A transformação tecnológica, impulsionada pela busca da maximização do lucro, está redefinindo as capacidades produtivas e oportunidades de emprego nas redes globais que produzem os bens físicos, bem como no setor de serviços, cada vez mais globalizado. Compreender como as políticas e capacidades estatais poderiam interagir com essa trajetória de transformação é, evidentemente, fundamental para repensar o Estado.



A quarta sessão move-se do mapeamento do terreno para a agenda positiva, explorando estratégias para a construção de alianças políticas e capacidades estatais para responder aos desafios que foram estabelecidos nas sessões anteriores. As estruturas estatais existentes não demonstraram dar conta da tarefa de proporcionar maior bem-estar social, desenvolvimento sustentável e o desenvolvimento humano pleno. Contudo, a Sociedade Civil e o Estado operam com interesses opostos na promoção da mudança social, com a mesma frequência com a qual operam em concordância. Como se pode melhorar este desempenho e resultados, especialmente em face aos desafios delineados nas três sessões anteriores?

A sessão final retorna à questão mais fundamental, que é a construção de um projeto político que promova ao mesmo tempo uma resposta aos desafios delineados nas três primeiras sessões e a implementação do projeto vislumbrado na quarta. Um olhar sobre este projeto político deixa claro que não se pode repensar o estado em isolamento da sociedade civil e das instituições políticas que articulam o Estado e a sociedade.

As interações entre os debates nas diferentes sessões e as discussões transversais entre as sessões serão tão produtivas quanto as mesas-redondas de cada sessão. Em conjunto, as sessões compreendem uma ambiciosa, mas inescapavelmente necessária, agenda de questionamento e debate. Já é passada a hora de se repensar o Estado uma vez mais.

Peter Evans, Ana Célia Castro, Leonardo Burlamaqui, Renato Boschi

Programa no Rio de Janeiro

[Colégio Brasileiro de Altos Estudos, Av. Rui Barbosa 762]

Sessão de abertura: 21 de março, 14:00 - 14:30 h

Renato Boschi (INCT-PPED), Ernesto Lozardo (Presidente, IPEA), Francisco Gaetani (Presidente, ENAP).

PRIMEIRA SESSÃO: 21 de março 14:30 - 18:30

Mapeando o Terreno 1: Mudanças Geopolíticas, Coalizões Políticas – em busca de estratégias Estatais Viáveis

Quanto “espaço político” existe disponível para as agendas transformadoras e, ainda, se o Estado terá ou não a capacidade de aproveitar as oportunidades disponíveis, dependem do equilíbrio global de forças na sociedade e na economia, em nível nacional, de forma interna ao Estado. O poder do capital global restringe e limita as possibilidades de ação estatal, especialmente no Sul Global. As instituições políticas nacionais incluem tanto alguns elementos potencialmente úteis, quanto outros que configuram empecilhos. Descobrir como articular os elementos progressistas das instituições políticas existentes, com uma sociedade civil organizada e mobilizada e, ainda, a capacidade de organização existente dentro do próprio estado, é fundamental para se repensar o estado. Como poderá esse conjunto de atores diversamente situados formar coalizões políticas, avaliar prioridades estratégicas e construir um consenso em torno de uma agenda positiva para um espaço político democrático? E como evitar esforços bem-intencionados, mas contraproducentes?

No século XXI, os contornos sociopolíticos e econômicos desse terreno foram conturbados por mudanças significativas na ordem geopolítica. A ordem neoliberal dominada pelos EUA e seus aliados da OCDE foi substituída por uma hierarquia mais incerta, na qual a presença cada vez mais importante da China deve ser levada em conta, bem como a atual incoerência da política norte-americana. As incertezas resultantes complicam o terreno pelo qual os Estados e demais atores políticos devem navegar.

Possíveis temas adicionais: como levar em conta as novas correntes ideológicas e o esgotamento das agendas políticas “tradicionais” (direita e esquerda), o que aumentam a influência das correntes disruptivas e destrutivas, incluindo a radicalização política, a “revolta das elites” e a “releitura” da esquerda; e a interação dos fundamentalismos religiosos e o “re-encantamento do mundo”?

14:30 - 15:45

Mediador: Francisco Gaetani

Participantes: Peter Evans, Renato Boschi, Tianbao Zhu

15:45 - 17:00

Mediador: Flávio Gaitán

Participantes: Anna Jaguaribe, Kristen Hopewell, Paulo Nogueira Batista Jr.

17:15 - 18:30

Discussão Geral: Flávio Gaitán, Lionello Punzo, Maria Antonieta Leopoldi.



SEGUNDA SESSÃO: 22 de março, 9:30 - 13:15

Mapeando o Terreno 2: Macroeconomia e Finanças: Globalização Financeira, Espaço para a Política Doméstica e Capacidades Estatais

A globalização financeira é um fato; da mesma forma, o aumento da frequência e gravidade das crises financeiras que veio com ela. Existem estratégias viáveis que poderiam transformar o sistema financeiro global existente? O atual sistema financeiro ocidental é destrutivamente extrativista, o que priva os atores públicos da capacidade de direcionar os recursos onde são mais necessários para produzir mudanças positivas. Ele é também perigosamente instável, provocando crises periódicas, que destroem os ativos das pessoas comuns, de forma quase inevitável. Isso tem o efeito de diminuir o espaço das políticas domésticas - e continuará a fazê-lo se questões-chave não forem abordadas: regulação financeira e desenvolvimento, o estado atual das políticas monetárias e fiscais; reformas tributárias; estruturas de financiamento de longo prazo e a regulação das inovações financeiras.

Possíveis temas: Sistema financeiro global após a crise 2008: como o sistema mudou? Governança financeira e desenvolvimento: alguma novidade? Os bancos centrais sob pressão; regulação da inovação financeira: como proceder? A necessidade urgente de uma estrutura financeira de longo prazo, e um código fiscal voltado para o desenvolvimento. Será que a ascensão da China implicará em um novo modelo de governança financeira?

9:30 - 10:45

Mediador: Cláudio Amitrano

Participantes: Jan Kregel, Leonardo Burlamaqui, Rogério Studart

10:45 - 12:00

Mediador: Carlos Eduardo Young

Participantes: Andrew Fischer, Esther Dweck, Paulo Nogueira Batista Jr.

12:00 - 13:15 - Discussão Geral

Carlos Santana, Lavínia Barros de Castro.

TERCEIRA SESSÃO: 22 de março, 14:30 - 18:30

Mapeando o Terreno 3: Indústria 4.0, Produção, Emprego e Governando a Destruição Criativa

As projeções modernistas do século XX viam a mudança tecnológica como mola propulsora da ampliação do lazer e do bem-estar. Já as realidades do século XXI parecem bem mais distópicas. A tecnologia é implementada para aumentar os lucros, reduzir a capacidade dos trabalhadores de partilhar uma economia mais produtiva, e tornar o trabalho mais precário. Estamos vivendo na primeira fase de uma revolução tecnológica que está mudando o tecido econômico e social das sociedades contemporâneas, com poderosas implicações políticas. Além de reduzir o papel do trabalhador na produção de bens físicos, a mudança tecnológica radical também está redesenhando uma infinidade de atividades de serviços, desde o varejo até serviços legais, educação, médicos e paramédicos, bancários, gestão financeira e transportes, potencialmente reduzindo as oportunidades de trabalho digno e aumentando as possibilidades de lucro.

A necessidade de repensar o papel do Estado é particularmente evidente neste domínio. É possível construir coalizões entre a sociedade e o Estado que poderiam contrariar as implicações potencialmente perigosas do crescimento sem emprego, sem trabalho, e o consequente aumento da desigualdade? Poderá o estado mais competente, conectado e ágil - que será necessário - ser construído?

Possíveis temas: Tecnologia, indústria/agricultura/serviços, cadeias de produção: a revolução tecnológica em curso e seus impactos (robótica, nanotecnologias, inteligência artificial, fechamento ou deslocamento em massa dos postos de trabalho). Criação e difusão do conhecimento; políticas de tecnologia e inovação; renovação da infraestrutura.

Mediador: Jerson Lima

14:30 - 15:50

Participantes: Carlos Frederico Rocha, Carlos Morel, David Kupfer, Luiz Davidovich.

Mediador: Peter Evans

15:50 - 17:05

Participantes: Ana Célia Castro, Antonio Marcio Buainain/Maria Beatriz Bonacelli, Leonardo Burlamaqui

17:05 – 18:30 - Discussão Geral

Fred Block, Ignacio Delgado, Aspásia Camargo.

As transformações esboçadas em cada uma das três primeiras sessões projetam um horizonte econômico e social incerto e perturbado por possibilidades angustiantes de deterioração, em todos os níveis, desde o geopolítico até o local de trabalho. Potencialmente, as mudanças em curso podem ser transformadas em um processo de "destruição criativa", mas os estados existentes não possuem as capacidades organizacionais internas e nem as conexões com a sociedade civil organizada necessárias para garantir



que os elementos “destrutivos” não inundem o potencial “criativo”. Repensar o estado tem o objetivo de construir estados e coalizões políticas que possam tratar de uma série de agendas políticas, incluindo: a) possibilidades de tornar a renda menos dependente do emprego; b) gerenciar os conflitos entre o aumento da longevidade, a diminuição dos benefícios da aposentadoria e o aumento dos custos com a saúde; c) como conter e reduzir o poder do capital financeiro rentista, que está na raiz do baixo crescimento da maioria da países OCDE e da crescente desigualdade; d) como alocar recursos para funções onde a provisão de serviços atualmente é inadequada e sub-remunerada - por exemplo, creches e pré-escolas, cuidadores de idosos, educação em geral, outros serviços sociais alterando o equilíbrio entre oferta e demanda de trabalhadores; e) como extrair a arrecadação de uma base fiscal em rápida contração; f) conceber leis, regulamentação e tecnologia para assegurar a privacidade.

As quarta e quinta sessões visam explorar as possibilidades de construção das bases políticas e organizacionais que poderiam tornar possível mover-se em direção uma agenda delineada nas três primeiras sessões.

QUARTA SESSÃO: 23 de março: 9:30 - 13:15

Enfrentando os desafios e Construindo Agendas 1: Reconstruindo as Capacidades Estatais, Manejando a Destruição Criativa e as Políticas Sociais

Que tipo de estruturas estatais, capacidades burocráticas e normas organizacionais teriam de estar disponíveis para gerenciar a fragilidade econômica e gerar políticas sociais para defender a qualidade de vida das pessoas comuns? Quais são os elementos essenciais para empoderar o Estado, no sentido de elaborar estratégias e manejar uma agenda política mais complexa e robusta?

Possíveis temas: Gerenciar a mudança de época: capacidades estatais para uma agenda política mais complexa e robusta. Governar o sistema financeiro, encontrando novas formas de extrair receitas fiscais, atualizando a regulamentação da propriedade intelectual, desacoplar a renda do emprego, garantindo e ampliando os direitos sociais e econômicos.

9:30 - 10:45

Mediadora: Kristen Hopewell

Participantes: Andrew Fischer, Fernando de Barros Filgueira, Fred Block.

11:00 - 12:10

Mediador: Leonardo Burlamaqui

Participantes: Alexandre Gomide, Celia Kerstenetzky, Lionello Punzo.

12:10 - 13:15

Discussão geral

Maria Antonieta Leopoldi, Tianbao Zhu, Renato Boschi, Peter May.

QUINTA SESSÃO: 23 de março - 14:30 - 18:15

Enfrentando os desafios e construindo agendas 2: tecer novas coalizões políticas renovando o núcleo do contrato social e trazendo a sociedade civil de volta

Repensar os estados para torná-los mais ágeis e eficazes precisa incluir um espaço para a auto-organização da sociedade civil. Quando apoiada e tendo espaço para agir, a sociedade civil tem demonstrado a capacidade de integrar, suplementar e, muitas vezes substituir as capacidades internas tanto do estado quanto do mercado, mas isso requer um projeto comum. Projetar os contornos de um verdadeiro “contrato social” é uma das maneiras de imaginar um projeto comum. A versão capitalista do Contrato Social sempre foi inadequada, mesmo nos seus melhores momentos, mas o século XXI exigirá ainda mais imaginação política e analítica para construir um contrato social adequado dentro dos limites do capitalismo. Novas coalizões políticas precisarão ser construídas. É um projeto que terá implicações para a organização do Estado, das corporações, dos sindicatos, das associações profissionais e para toda a gama de organizações da sociedade civil.

Possíveis temas: Governando a mudança de época: capacidades estatais e novas coalizões políticas para um horizonte social mais complexo e dividido. Fortalecer a sociedade civil; educação, emprego e profissões; longevidade, saúde pública e proteção social; reverter a desigualdade e ampliar o desenvolvimento sustentável.

14:30 - 15:45

Mediador: Flavio Gaitán

Participantes: Lionello Punzo, Peter Evans, Robert Wade.

15:45 - 17:00

Mediador: Flávio Fonte-Boa

Participantes: Francisco Gaetani, Renato Boschi, Ricardo Bielschowsky, Gabriel Squeff.

17:15 - 18:30

Discussão geral:

Celia Kerstenetzky, Fred Block, Kristen Hopewell.

Programa em Brasília
ENAP (Escola Nacional de Administração Pública)

ABERTURA: 26 de março, 14:00 -14:30

Renato Boschi (INCT-PPED), Ernesto Lozardo (Presidente, IPEA), Francisco Gaetani (Presidente, ENAP).

Primeira Sessão: 26 de março, 14:30 - 18:30

Sustentabilidade e Mudança Climática: dimensão humana e impactos. Energia renovável, reestruturação urbana, redefinição do desenvolvimento.

As mudanças climáticas e seu impacto sobre as energias renováveis e a reestruturação urbana estão redefinindo o desenvolvimento. A busca desenfreada do lucro colocou a ecologia em perigo. Existem formas de se criar capacidades estatais que permitam à sociedade reverter essa dinâmica, através da introdução de políticas ambientais corretas e decentes, bem como políticas sustentáveis para a energia e a gestão hídrica?

Possíveis Temas: Políticas ambientais; Dimensão Humana; Gestão da terra e do solo; Políticas energéticas sustentáveis; Gestão hídrica e a questão da água

14:30 - 15:40

Mediador: Fernando de Barros Gontijo Filgueiras

Participantes: Carlos Eduardo Young, Eduardo Assad, Nírvea Ravena, Peter May

15:40 - 17:00

Mediador: Ernesto Lozardo

Participantes: Estela Neves, Francisco Duarte, Maria Tereza Leopardi, Marta Irving

17:15 - 18:30

Discussão geral:

Alexandre D'Avignon, Lionello Punzo, Mariana Clauzet, Robert Wade.

Segunda Sessão: 27 de março - 9:00 - 13:15

Mapeando o Terreno: a Indústria 4.0 e a destruição criativa massiva

Vivemos nos primeiros estágios de uma revolução tecnológica impulsionada pelo uso generalizada dos robôs e da inteligência artificial (IA) que revolucionará o tecido econômico e social das sociedades contemporâneas, bem como sua política. Nos próximos vinte a trinta anos, mudanças tecnológicas radicais trarão mudanças maiores e mais impactantes do que nos últimos trezentos anos. Estes incluirão serviços jurídicos, de educação, médicos e paramédicos, bancários, varejo, gestão financeira, transportes e mobilidade, escritórios, e uma infinidade de outros tipos de trabalho junto com fábricas praticamente sem trabalhadores. Isto poderá gerar consequências potencialmente desagregadoras para a maioria das populações. A desigualdade aumentará muito, assim como a polarização política. Quais cenários econômicos, sociais e políticos resultarão deste processo?

Possíveis temas: Tecnologia, indústria e cadeias produtivas: a revolução tecnológica em curso e seus impactos (robótica, nanotecnologias, inteligência artificial e fechamento ou deslocamento em massa de postos de trabalho). Criação e difusão do conhecimento; tecnologia e políticas industriais; renovação da infraestrutura.

Mediador: Alexandre Gomide

14:30 - 15:45

Participantes: Carlos Morel, David Kupfer

Mediador: Flávio Fonte-Boa

15:45 - 17:00

Participantes: Antonio Marcio Buainain, Fred Block, Leonardo Burlamaqui.

Discussão Geral - 17:00 - 18:15

Ana Célia Castro, Leonardo Rosseti Tribst, Robert Wade.

Terceira Sessão: 27 de março - 14:30 - 18:15

Enfrentando os desafios e construindo agendas 2: tecer novas coalizões políticas renovando o núcleo do contrato social e trazendo a sociedade civil de volta

Repensar os estados para torná-los mais ágeis e eficazes precisa incluir um espaço para a auto-organização da sociedade civil. Quando apoiada e tendo espaço para agir, a sociedade civil tem demonstrado a capacidade de integrar, suplementar e, muitas vezes substituir as capacidades internas tanto do estado quanto do mercado, mas isso requer um projeto comum. Projetar os contornos de um verdadeiro “contrato social” é uma das maneiras de imaginar um projeto comum. A versão capitalista do **Contrato Social** sempre foi inadequada, mesmo nos seus melhores momentos, mas o século XXI exigirá ainda mais imaginação política e analítica para construir um contrato social adequado dentro dos limites do capitalismo. Novas coalizões políticas precisarão ser construídas. É um projeto que terá implicações para a organização do Estado, das corporações, dos sindicatos, das associações profissionais e para toda a gama de organizações da sociedade civil.

Possíveis temas: Governando a mudança de época: capacidades estatais e novas coalizões políticas para um horizonte social mais complexo e dividido. Re-empoderar a sociedade civil; educação, emprego e profissões; longevidade, saúde pública e proteção social; reverter a desigualdade e ampliar o desenvolvimento sustentável.

14:30 - 15:45

Mediador: Leonardo Burlamaqui

Participantes: Lionello Punzo, Renato Boschi, Robert Wade, Rogério Studart.

16:00 - 17:15

Mediador: Ana Célia Castro

Participantes: Francisco Gaetani, Esther Dweck, Arnaldo Lanzara.

17:15 - 18:30

Discussão geral:

Kristen Hopewell, Gabriel Squeff.